Educação para o Cinema

Alfredo Stodhart

Cêrca de 70 milhões de pessoas, em todo o mundo, vão ao cinema por dia, segundo recentes dados estatísticos da UNESCO. Êsse índice não é apenas revelador quanto à expansão do interêsse pelo espetáculo cinematográfico nos últimos 10 anos. Traduz sobretudo uma situação na qual o cinema passa a experimentar funda penetração na massa social e hoje, mais do que nunca, exerce sua influência sôbre a opinião pública. A fôrça esmagadora dessa influência, através da qual o cinema tem condições de impôr-se como veículo de informação dirigida ou propaganda ideológica, está preocupando autoridades e homens de cinema, tanto que — ainda conforme o relatório da UNESCO — verificou-se aumento considerável na produção de filmes educativos, sobretudo da parte dos governos e de sociedades independentes. Em diversos países, o filme foi adotado como elemento do currículo escolar, e, graças ao emprêgo de unidades móveis, principalmente na África, Ásia e América Latina, os filmes informativos atingem populações de baixo nível cultural, até aqui à margem do mercado de público.

MITO E IMUNIZAÇÃO — O problema da educação através do cinema é relevante mas não configura a totalidade do que os norte-americanos chamam «motion pictures discrimination» (1) Por malentendido, costuma-se confundir educação cinematográfica com emprêgo do cinema como fator pedagógico. Todavia, mais importante do que essa função educativa do filme, é a elucidação do espírito crítico do espectador jovem, por meio de um programa didático que habilitará êsse espectador a assimilar o caráter de fato social e de divertimento coletivo, bem como o de difusão de valores espirituais, éticos e políticos, que o cinema possui, independente de qualquer classificação artística. O poder de sugestão do espetáculo de cinema, acessível a todos os povos e a tôdas as camadas sociais, com raras exceções, funciona de modo a reduzir consciências individuais à situação de prêsa fácil e passiva. Processos psicológicos de «projeção» e «identificação», controlando as tendências, os sentimentos e o caráter próprio do espectador, combinam-se para fazê-lo perder-se mentalmente, ou «virtualmente», no universo imaginário da tela, e, ao mesmo tempo, para incorporar o mundo do filme à sua personalidade. Tal abstração, sem dúvida, corresponde a um impulso inconsciente provocado pela natureza geralmente mítica da ficção cinematográfica, representada por aventuras romanescas, fenômenos excepcionais de heroismo, amor e violência. O freio a tal impulso pode ser adquirido com o exercício crítico sistematizado, que «imunizará» o espectador, por assim dizer, desde suas primeiras incursões no domínio dos filmes. A atitude crítica não o abstrairá do fascínio mítico do cinema, e, antes, conservará a eficiência de não importa qual programa pedagógico, por manter aceso o interêsse do jovem, como observou o professor Edgar Dale (2).

LINGUAGEM E FORMAÇÃO ESTÉTICA — Fritz Louis Stuckrath (3) sublinhou que, antes de ser uma arte, o cinema é uma nova linguagem, um nôvo instrumento de apreensão do mundo. A iniciação a essa linguagem será a finalidade da educação cinematográfica, tendo em vista que ela nos oferece a possibilidade de juntar uma dimensão nova a nosso espaço mental. Nos Estados Unidos, compreendeu-se que o ensino lingüístico precisa estender seu alcance a todo domínio da comunicação (nos manuais de inglês há, via de regra, um capítulo consagrado ao cinema) e que a educação cinematográfica, longe de ser apenas um aspecto da formação estética, cívica e moral, é um elemento do ensino relativo à teoria geral da comunicação. Atualmente, verifica-se nova situação pedagógica,nesse sentido de que o jovem de hoje, graças aos meios modernos de informação visual (cinema, TV), escapa ao isolamento geográfico, social e cultural conhecido pelas gerações passadas. Além disso, o processo de iniciação à linguagem visual «nos dá a faculdade de **pensar visualmente**» (4).

Cultivar o espírito crítico e iniciar o espectador na língua do cinema é também contribuir na formação estética. «A experiência artística é um enriquecimento quase indispensável ao desabrochar harmonioso da personalidade. (...) A formação estética, que hoje se considera um elemento essencial da educação, tem por objeto não só a formação do gôsto, como também o desenvolvimento das faculdades criadoras. Ela dá acesso a um nôvo modo de existência, onde cada um pode se «mover» mais livremente e escapar a seus próprios limites, assim como aos que lhe impõem as circuntâncias da vida, de maneira a atingir o pleno desenvolvimento da personalidade. A experiência estética não é uma evasão da realidade cotidiana, mas uma espécie de vitória sôbre ela» (4).

LIBERTAÇÃO — Educadores concordam com a necessidade de se preservar a mocidade do grande poder emocional do cinema. Teorias extremadas chegaram a falar em «desmistificação» e «desinterêsse afetivo» das platéias jovens, o que se conseguiria com a destruição do encanto cinematográfico pela informação da técnica e dos «segrêdos de bastidores». (5) Outras correntes recorrem à censura oficial com fins nìtidamente repressivos. Mas a verdadeira libertação do espectador não é essa. Raphael Deherpe diz que «as impressões recebidas e acumuladas durante as duas horas de projeção constrangem a espontaneidade do **ego**, perturbam o seu poder e o desejo de criação: a expressão (através da crítica e dos debates do cine-clube, dos desenhos ou jogos dramáticos, para crianças) é uma **defoulement** e uma libertação. (...) Se a atitude do espectador não fôr corrigida êle ficará mistificado — mistificado em sua vida como o foi diante da tela» (6).

PROGRESSO — Apesar da prosperidade alcançada últimamente pela ação da pedagogia cinematográfica, ainda surpreende que, na Inglaterra, **quase 700 escolas** (estatística de 1960) ofereçam educação específica do assunto aos alunos dos cursos primário e secundário, por intermédio da «Society for Education in Film and Television». Na França, a «Féderation Loisirs et Culture Cinematografique» (FLECC), além de editar revistas e fichas filmográficas, organiza há anos, destinados aos alunos de cêrca de 500 escolas secundárias, séries de conferências que duram três anos, constando de palestras, projeções de filmes, cursos de história do cinema e debates. O mesmo programa é aplicado em centenas de cine-clubes que funcionam no meio operário ou rural. Nos Estados Unidos, o curso de cinema está muitas vêzes inscrito no programa dos cursos de língua inglêsa do currículo oficial. (7). A multiplicação de cine-clubes e centros de estudo junto a estabelecimentos de ensino também não é fato nôvo na Europa, onde o «Office Catholique International du Cinéma» vem preconizando para tôdas as escolas «cursos de iniciação ao cinema e à TV», o mesmo se registrando com o «Centre International du Film Pour la Jeunesse», de Bruxelas.

MÉTODOS — Jean Marie Lambert Peters, passando em revista os métodos utilizados em matéria de educação cinematográfica, classifica-os em quatro rubricas: cursos orais, discussões, realizações de filmes e análise de filmes. Existem, para o fim de aula ilustrada, coleções de curta-metragens sôbre o cinema, suas técnicas e sua linguagem, fornecidos na Europa pelo «Institut Für Film Und Bild», de Munique, pela «Society of Film Teachers», de Londres, e pelo «British Film Institute», de Londres, e, em Nova York, pelo «Teaching Film Custodians». Os debates têm por valor pedagógico o fato se submeterem à análise racional os julgamentos e opiniões formadas por fenômenos «reflexos» de apreciação, ajudando a criança a exteriorizar a experiência cinematográfica e a integrá-la na sua personalidade. Wolfgang Brudny (8) ressalta a importância do debate e frisa que é preciso preliminarmente fazer da criança um espectador ativo, depois incitá-la a dar provas de senso crítico, em terceiro lugar formar seu julgamento moral e, enfim, desenvolver nela o senso de estilo. As «fichas filmográficas» (editadas regularmente na França) prestam grandes serviços aos animadores desses debates, assim como os «Green Sheets» publicados em Nova York pelo «Film Estimate Board of National Organisations», que indicam como determinado filme deve ser utilizado nos cursos escolares. A etapa mais eficaz chega com a combinação do estudo de filmes com os exercícios práticos que incluem a realização. Nessa atividade, destacou-se o «British Film Institute», que possui uma série de fitas dirigidas por crianças e costuma cedê-las aos grupos associados que desejam empreender, êles próprios, a produção de filmes. Tais realizações infantis podem ser solicitadas ao «Film Appreciation Officer» daquele Instituto, por carta remetida a Great Russel Street, Londres, W.C.I. Quanto à análise de filmes, convém recorrer aos curta-metragens concebidos para o ensino da gramática do cinema, à leitura dos roteiros técnicos publicados em livros e revistas estrangeiros («Dal Sogetto Al Film», Cappelli Editores; «L'Avant-Scène du Cinéma»), e à consulta à documentação de críticas da imprensa. (Na Inglaterra, o Instituto edita mensalmente um mural ilustrado, «Screen Guide», destinado às escolas secundárias e aos cine-clubes).

CINEMA NA ESCOLA — A escola é o lugar mais apropriado para o ensino da linguagem cinematográfica. «Há muito tempo que a educação cinematográfica deveria figurar nos programas escolares», declarou Stanley Reed (9), argumentando: «Os meninos e as meninas que vão muitas vêzes ao cinema e que têm a maior necessidade de auxílio, estão, em geral, entre as crianças menos dotadas, isto é, as que estarão menos propensas a adquirirem a educação cinematográfica fora da escola». Janet Hills acrescenta: «Desde que o importante, no plano social, é atingir a todos os que vão ver filmes sem escolhê-los com discernimento, a iniciação cinematográfica deve deixar de ser uma atividade inteiramente voluntária: é preciso que seja inscrita no programa das escolas» (10). Como registramos atrás, 700 escolas inglêsas ministram cursos de cinema, orientadas pela «Society For Education in Film and Television», exemplo êste repetido na Escócia pela «Scottish Educational Film Association» e pelo «Scottish Film Council».

Os educadores alemães acreditam que a formação estética proporcionada pela escola deve se estender ao cinema, e até mesmo dar-lhe prioridade, pois êle pode perverter os outros gôstos artísticos. Pensam, acertadamente, que êsse estudo específico exerce uma ação favorável sôbre as capacidades de expressão e do gôsto literário. No que concerne aos Estados Unidos, cêrca de 60 mil professôres de

inglês ministravam em 1950 cursos de iniciação ao cinema, e, em 1958, cêrca de dois têrços dos guias pedagógicos do ensino de inglês no nível secundário previam lições consagradas aos jornais, ao rádio, à televisão e ao cinema. Uma recomendação geral foi feita no Congresso de Viena, em julho de 1960, pelo «Office Catholique Internacional du Cinéma», em prol da inserção nos currículos escolares dessa matéria: «Importante é a educação cinematográfica dos jovens, a fim de torná-los capazes de compreender a linguagem do cinema, de discernir e aproveitar os valores positivos — tanto educativos quanto estéticos — de um filme ou de um programa de televisão, de reagir sadiamente contra os seus elementos prejudiciais. É indispensável introduzir nos programas escolares, primários e médios, um certo número de cursos que ensinem às crianças e aos jovens os rudimentos da história e das técnicas do cinema, ao mesmo tempo que lhes fará sentir a parte de responsabilidade que incumbe a cada espectador em relação a si próprio e aos outros, assim como à própria sétima arte e ao seu desenvolvimento futuro». Reforçando a recomendação daquele organismo internacional, Rita Hochheimer diz que «a escola deve, por certo, dar educação cinematográfica, pois se as crianças não recebem uma boa formação dêsse gênero, o seu gôsto e o seu senso moral podem ser pervertidos» (11).

DISCIPLINA — A realidade é que os programas das escolas parecem já tão sobrecarregados que uma proposta como esta arrisca-se a ser mal acolhida pelas autoridades de ensino. Mas, em contrapartida, é recomendável até que essa educação, mantendo tantos elementos comuns com as disciplinas escolares existentes, venha a se associar a elas, como ocorre nos Estados Unidos, junto ao estudo da linguagem materna. «Numa época em que as técnicas não verbais, de pensamento e de informação, representam um papel tão importante, poder-se-ia mesmo censurar ao ensino lingüístico de ser incompleto se deixar de lado a linguagem visual. Os jovens que nela forem iniciados estarão melhor armados para caminharem no mundo moderno e para tirarem proveito do progresso técnico sem perder a liberdade de espírito» (4). No que toca à formação estética geral, encontrada em todos os currículos — estudo da literatura e do teatro do país, desenho, pintura, modelagem, canto orfeônico e música —, a arte cinematográfica tem com ela tantos pontos em comum que nada mais lógico que colocá-las, constantemente, em relação uma com a outra. «Se não se utiliza os recursos do cinema, a geografia social e econômica, a história geral, a religião e a instrução cívica obrigam, muitas e muitas vêzes, os alunos a imaginarem circunstâncias e situações das quais não têm nenhuma experiência pessoal. (...) O professor que deseja tirar partido das possibilidades que lhe oferece o mundo da tela, pode estar seguro de que os exemplos que ali encontrará prenderão tôda a atenção do aluno. Êles representarão para êste a **realidade**, mesmo que, muitas vêzes, seja necessário demonstrar-lhe que são inexatos, incompletos, exagerados ou antiquados. Suponhamos, por exemplo, que o professor de geografia critique, sèriamente, o ambiente de um **western**, que o professor de história examine os fatos evocados num filme histórico, que o professor de religião fale do comportamento moral de um jovem casal apresentado na tela e que o professor de instrução cívica comente os métodos aplicados pela polícia num filme de gangsters: não se poderia achar melhor meio para favorecer a assimilação racional do conteúdo dos filmes, e está claro que o estudo das disciplinas em questão ficaria facilitado» (4).

EXPERIMENTOS — Como atividade para-escolar, a educação cinematográfica encontrou ampla difusão na França, através dos cineclubes. No Liceu Montaigne, de Paris, o «Cinéma Scolaire de L'Academie» organiza projeções e debates para alunos do curso secundário. Também na Inglaterra, onde o ensino começa quando as crianças passam a freqüentar cinemas, em geral a partir dos 5 anos, há em aplicação vários planos, tais como os expostos por Grace Greiner, que aludem especialmente à feitura de filmes curtos experimentais: «Antes de empreender a produção pròpriamente dita, serão organizados exercícios que fixarão a marcha a seguir. Como um filme se compõe de uma série de cenas, a elaboração do tema se efetua quase da mesma maneira como a de uma fôlha desenhada. Ilustra-se uma história muito simples por meio de algumas imagens que representem as diferentes cenas do filme, e redige-se, para servir de legenda, uma série de frases constituindo uma redação completa. A etapa seguinte consiste em copiar as frases, e executar por cima desenhos apropriados; ela corresponde à rodagem de um filme segundo o cenário, de modo tão fiel que as cenas são desenhadas em vez de fotografadas. Os filmes assim realizados são naturalmente mudos. O que as crianças não chegam a exprimir convenientemente em imagens é indicado pelas legendas, que são acrescentadas no momento da montagem. Os alunos escolhem, êles próprios, o argumento da fita, que será rodada numa sala de classe ou perto da escola, e na qual todos os alunos tomam parte. Do ponto-de-vista pedagógico, a montagem é, sem dúvida, a operação que oferece maior interêsse. Primeiro, as «cenas» são apresentadas aos alunos, várias vêzes, e êstes são convidados a fazer observações. Depois, escolhe-se, de comum acôrdo, as que serão utilizadas. O ensino secundário pode empregar os mesmos métodos, devendo ainda estabelecer comparações entre o cinema e as outras artes, e também abordar o estudo da história do cinema e da técnica cinematográfica» (12).

Outro mestre inglês, L. F. Williamson, prefere a produção de «filmes fixos», composto por planos fotográficos — experimento citado ainda por Ceinwen Johnes e Janet Hills (10). Já Maurice Woodhouse, professor da escola normal de Leeds, concluiu que é melhor abordar diretamente o as-

sunto, porque «uma análise preparatória das técnicas cinematográficas, fundada no estudo de documentários, poderia confundir as crianças, pois estaria muito afastada de suas experiências anteriores» (13). O British Film Institute, de sua parte, propõe três programas de estudos sôbre o cinema e a televisão, destinados a um curso principal, a uma série de lições paralelas ao curso obrigatório e a um curso de um ano de duração. Quase sempre, no Reino Unido, o professor de inglês é responsável pela educação de cinema, o que igualmente se dá nos Estados Unidos, nos quais o cinema é considerado um meio de divulgação da «cultura inglêsa» e como um ramo da literatura inglêsa. Os norte-americanos limitam-se a organizar projeções de filmes para crianças, filmes êsses freqüentemente fornecidos pela «Children's Film Library» de Nova York. Para os cursos secundários, articulam-se «unidades de trabalho», cursos de duração curta, muitos deles relacionados em livros (14), enquanto, no ensino superior daquelepaís, a educação cinematográfica é propiciada por uma seção do Departamento de Belas Artes, existindo centros de estudo e produção em universidades como a da Califórnia e a de Nova York, o Colégio Universitário de Oregon e a Universidade de Boston.

PSICOLOGIA — A instalação da disciplina «cinema» dos currículos oficiais não se faria completa nem eficiente sem uma preliminar metodologia do desenvolvimento intelectual do jovem, porque — como destacou Henri Wallon — «é preciso saber se a linguagem cinematográfica pode ser exatamente a mesma para a criança e para o adulto e se ela oferece à criança a mesma rapidez de treinamento no sentido de uma síntaxe cinematográfica complexa». Jan Marie Lambert Peters expõe aos pedagogos um quadro sinótico que explica, idade por idade, a evolução intelectual da criança, a inteligência da linguagem cinematográfica, a sua apreciação estética, e os métodos e possibilidades práticas do ensino. Seu livro «A Educação Cinematográfica» (vide nota 4), que forneceu preciosos subsídios a êste artigo, constitui indispensável manual de professôres e autoridades responsáveis pela matéria, detalhando e aprofundando os diversos aspectos da didática do cinema a que só foi possível aludir sucintamente (15).

PROFESSÔRES — Setor igualmente examinado por Peters é o da formação de professôres, sendo que, ao ver de Stanley Reed (9), o obstáculo mais grave à introdução do ensino cinematográfico na escola é o fato de um grande número de professôres não compreenderem, êles próprios, o cinema. A autora esboça o seguinte projeto de programa para a formação de mestres:« **Noções gerais sôbre os meios visuais de informação e de recreação:** 1. Importância social e cultural do cinema e da TV. 2. Lugar do cinema e da TV na vida dos jovens. 3. Efeito do cinema e da TV sôbre a percepção, o pensamento e o comportamento dos jovens. **Princípios da educação cinematográfica:** 1. O conceito da educação cinematográfica. 2. Educação cinematográfica e ensino geral. 3. Resultados que se podem conseguir da educação cinematográfica. **Noções a ensinar:** 1. Elementos e estrutura da linguagem cinematográfica. 2. Princípios da estética cinematográfica. 3. Os elementos do conteúdo do filme e sua avaliação crítica. 4. Psicologia do espectador de filmes. **Métodos e possibilidades práticas:** 1. Instrução, discussão, estudo de filmes, exercícios práticos. 2. Produção de filmes: redação de cenários, realização, tomadas, montagem, projeção. 3. Adaptação da educação cinematográfica à idade e ao desenvolvimento intelectual dos alunos. 4. Introdução da educação cinematográfica nos programas de ensino» (4).

Os Encontros Internacionais das Escolas de Cinema e Televisão, efetuados em Paris em 1958, proclamaram a urgência da formação e convocação de pedagogos, em face do atual estado em que se acham os principais centros de ensino técnico-profissional na Europa (16). No momento, o Departamento de Arte Dramática da Universidade de Bristol, Inglaterra, e o Departamento de Estudos Pré-Universitários da Universidade de Londres efetuam ciclos de um a três anos para professôres universitários. A República Federal da Alemanha também organiza regularmente cursos para o pessoal do ensino e para os animadores dos movimentos de juventude, sobretudo pelo «Institut Für Film und Bild» de Munique. A União Francêsa de Obras Leigas de Educação Pela Imagem e Pelo Som (UFOLEIS), em Paris, promove cursos similares e coopera com as escolas normais que desejam criar esse currículo, ao passo que a Divisão Geral da Juventude e dos Esportes, do Ministério francês de Educação, dedica-se a estágios de iniciação na matéria para mestres, diretores de cine-clubes, dirigentes de movimentos da juventude e para associações culturais. Foram criados nos Estados Unidos, pelo «Bureau of Audio-Visual Instruction» de Nova York, cursos e grupos de trabalho nos mesmos moldes. Cursos por correspondência existem nos Países Baixos, e o Instituto Holandês de Cinema se encarrega de proporcionar curso universitário, de um ano, sôbre pedagogia cinematográfica.

CONCLUSÃO — Poucos e esparsos exemplos, é verdade — mas nem todos foram citados. O importante, e de urgente necessidade, é que autoridades de ensino admitam que «a melhor maneira de defender o público, e particularmente a juventude, contra os erros e os excessos cometidos em matéria de cinema e de televisão, consiste em despertar, cultivar e formar o senso crítico dos espectadores, a fim de incitá-los a criticar não **pelo prazer** de criticar, mas a escolher conscientemente, fazendo também com que vejam, entre o que lhes é oferecido em profusão, a melhor maneira de compreender o significado dos filmes» (4). Já não se admite que o ensino cinematográfico nas escolas seja preterido ou esquecido quando o cinema, na época contemporânea, ocupa dominan-

te situação nos meios de comunicação de cultura de massa, tendo-se transformado num hábito trivial, apenas aparentemente inócuo, para o cotidiano da juventude e dos adultos, substituindo o papel que, gerações passadas, era desempenhado tirânicamente pela literatura e pela música. Ensinar cinema representa hoje tanto quanto educar a linguagem de comunicação ou apurar o gôsto estético, tal o vulto de sua influência sôbre os nossos costumes, nossas tendências e nossos caracteres sociais, tal a sua penetração na rotina da vida moderna. Essa influência e essa penetração tendem naturalmente a desempenhar uma ação negativa, incontrolável, talvez de sombrias conseqüências.

Notas

(1) — O têrmo designa «formação de julgamento em matéria de cinema» e engloba a noção de defesa contra o poder de sugestão do cinema e a de discernimento na apreciação dramática.

(2) — Edgar Dale: Teaching Discrimination in Motion Pictures. University of Chicago Press, 1954.

(3) — Fritz Louis Berthold Stückrath: Der Einbruch Des Films in Die Pädagogische Provinz. In «Film, Bild, Ton», dezembro de 1955.

(4) — Jan Marie Lambert Peters: Film-Teaching. Edição UNESCO, 1961. Tradução brasileira de Germana Dante Costa, editada em 1964 pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, IBECC (Comissão Brasileira da UNESCO) sob o título «A Educação Cinematográfica», II Volume da Coleção UNESCO.

(5) — Herbert Blumer: Movies and Conduct. Edição Payne Fund Studies. 1933. Johan Gerhard Wiese: Zur Frage Der Filmerziehung. In «Film, Bild, Ton», 1953.

(6) — Raphael Deherpe: Pour une Pedagogie du Cinéma. In «Education et Cinéma» nº 1, 1954.

(7) — Exemplos de compêndios: Mastering Good English, de Henry Seidel Canby (MacMillan, 1947), Our English Language, de Mathilde Bailly e Lalla Waller (American Borh Co., 1936).

(8) — Wolfgang Brudny: Filmeziehung nº 2/3, Munique, 1955.

(9) — Stanley Reed: Film Appreciation as a Classroom Subject. British Film Institute, 1955.

(10) — Janet Hills: Films and Children: The Positive Approach. Britis Film Institute, 1952.

(11) — Rita Hochheimer: Motion Picture Discrimination in Schools. Wilmette, III, Encyclopaedia Britannica Films.

(12) — Grace Greiner: Teaching Film, a Guide to Classroom Method. British Film Institute, 1955.

(13) — Maurice Woodhouse: Researches and Studies. nº 1. University of Leeds, 1949.

(14) — Edgar Dale e John Morrison: Motion Picture Discrimination; an Innotaded Bibliography. Bureau of Educational Research, 1954.

(15) — Vide nota 4. O referido volume pode ser adquirido à sede do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, no Rio de Janeiro.

(16) — Principais escolas técnico-profissionais: Institut des Hautes Études Cinématographiques (IDHEC), de Paris; Centro Sperimentale di Cinematografia, de Roma; Kinoinstitut, de Moscou; Instituto de Cinema de Lodz, Polônia. Sylvie Paul observa que, «até a elaboração de Faculdades de Cinema conforme as velhas escolas de Belas Artes, por exemplo, e enquanto esperam que se formem professôres diretamente interessados na matéria, os Institutos se organizam segundo um processo inadequado: mobilização de técnicos dessa indústria para fotografia, montagem, etc., e convocação de realizadores, de conferencistas, de professôres de formação literária ou especialistas em teatro».

Bibliografia

Além dos livros enunciados nas «notas, a literatura estrangeira consagrada ao tema da educação cinematográfica dispõe ainda dos seguintes títulos:

Précis D'Iniciation au Cinéma, de Henri Agel. (Éditions de L'Ecole, Paris, 1956).

The Teaching of Film: a Report and Some Recommendations. (British Board of Film Censors, Londres, 1958).

How to Appreciate Motion Pictures; a Manual of Motion Picture Criticism prepared for High-School Students, de Edgar Dale. (Mac Millan, Nova York, 1938).

Mass Media and Education, de Nelson B. Henry. (University of Chicago Press, 1958).

Film and Television in Education for Teaching. (British Film Institute, Londres, 1960).

Photoplay Appreciation in American High Schools, de William Lewin. (Appleton-Century, Londres, 1934).

Filmgesprache Mit Jugendlichen, de Siegfried Mohrof. (Institut für Film und Bild, Munique, 1957).

Filmopvoeding in Engeland, de Jan Marie Lambert Peters. (Nederlands Filminstitut, Amsterdão, 1958).

Guidance in Aesthetic Appreciation, the Film: United Kingdom, de Stanley Reed. (British Film Institute, Londres).

Films in Our Lives: an Approach to Film Appreciations, de Newman H. Rosenthal. (Cheshire, Melborne, 1953).

The Film Teacher's Handbook. (British Film Institute, Londres, 1957).

Arbeitshinweise Für Jugendfilmclubs, de Fritz Louis Berthold Stückrath. (Verban Der Deutschen Filmclubs, Berlin, 1956).

Presse, Rundfunk, Fernehen, Reklame, Pädagogisch Gesehen, de Erich Wasem. (Basel: Ernst Reinhardt Verlag, Munique, 1959).

Handbuch Film und Jugend, de Gerd Winkler. (Juventa Verlag, Munique, 1956).

Jugend und Film, de Franz Zochbauer. (Verlag Lechte, Emsdetten, 1960).

Spielfilm im Schulunterricht, de Johannes Zielinski. (A. Henn Verlag, Ratingen, 1959).

Existem ainda revistas que publicam regularmente textos sôbre educação cinematográfica: «Cinéma Educatif et Culturel» (Paris), «Cinedidattica» (Roma), «Education et Cinéma» (Paris), «Film, Bild, Ton» (Munique), «Films et Documents» (Paris), «Filmforum» (Países Baixos), «Film Teacher» (Londres), «Image et Son» (Paris), «Révue Internationale du Cinéma» (Paris), e outras. Na bibliografia sôbre o cinema e a juventude, sem especificação didática, devem ser destacados Il Cinema: Il Film Nella Esperienza Giovanile, de Giuseppe Flores D'Arcais (Livania, 1953), Children in the Cinema, de Richard Ford (G. Allen e Unwin, 1939), The Effect of Mass Media, de Joseph Thomas Klapper (Columbia University, 1949), Cinema ed età Evolutiva, de Raffaele Laporta (La Nuova Italia, 1957), Introduction aux Problèmes du Cinéma et de la Jeunesse, de Leo Lunders (Éditions Universitaires, 1953), Sociology of Film: Studies and Documents, de Jacob P. Mayer (Faber and Faber, 1946), e Le Film Récréatif Pour les Spectateurs Juvéniles, de Henri Storck (UNESCO, 1950).